



Análise do processo de opressão social de gênero e da feminização do magistério à luz da obra “A produção do fracasso escolar”

Nicole Cristine Vieira Miranda, Natalia Bortolaci

*Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar.*

- Francisco, el Hombre

O tema deste texto: “O processo de opressão de gênero e a feminização do magistério” foi desenvolvido com base no capítulo “Qualidade do controle e controle da qualidade” da obra *A Produção do Fracasso Escolar - histórias de submissão e rebeldia*, de Maria Helena Souza Patto, estudada na disciplina de Psicologia da Educação no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de São Paulo, do campus Registro. No referido capítulo, a autora examina como as professoras são frequentemente submetidas a expectativas de desempenho que podem não levar em conta as complexidades do processo educacional. Patto argumenta ainda que é necessário um olhar

mais crítico e compreensivo sobre as práticas pedagógicas e as condições de trabalho das docentes para entender verdadeiramente as causas do fracasso escolar.¹

Com o intuito de refletir sobre a responsabilização das docentes pelo fracasso ou sucesso do aluno (o que pode ser um fator importante para uma exaustão por meio da pressão social abusiva) o texto irá tratar brevemente sobre conceitos estereotipados de gênero que até a contemporaneidade são socialmente aceitos e reproduzidos, como estes estereótipos interferem no âmbito educacional, mais especificamente em docentes mulheres e o quanto essa reprodução contínua de estereótipos contribuem para uma hierarquia social de gênero de responsabilidade pelo ensino do aluno.

Na obra, Patto faz referência ao trabalho da diretora Maria da Glória como “cumpridora dos deveres inerentes ao seu papel... A limpeza, a ordem e o esmero nos detalhes das dependências da escola lembram o cuidado feminino com a casa” (2015, p. 198). A autora explica que, para a diretora, o magistério é a principal atividade de sua vida. Em seguida, a seguinte fala de Marisa, uma das docentes da instituição, é citada na obra; a professora relata uma responsabilização da família pelo fracasso escolar dos alunos, pois “(...) trabalham fora o dia todo, o pai chega tarde e bêbado em casa (...)” (2015, p.198). Nestes excertos ficam perceptíveis papéis sociais dessemelhantes.

Ainda sobre a diretora Maria da Glória, ela tem uma posição hierárquica alta em relação aos seus “subordinados”. Mesmo este sendo um cargo socialmente respeitado, na obra é perceptível sua concepção de responsabilização única e exclusiva das professoras. Em uma passagem, a autora cita que o necessário ao trabalho docente é gostar do que se faz. Nas palavras da diretora “O magistério é uma missão, por isso ganhar mais não vai adiantar” (2015, p.199). Uma visão meritocrática, que pode ser comparada ao trabalho invisibilizado da mulher no lar.

A mulher, em qualquer classe ou profissão que esteja inserida na sociedade, é marcada por atributos ligados ao cuidado, à feminilidade, à paciência e à dedicação. Em uma simples pesquisa no *Google* referente à definição do que é ser mulher, recebe-se os seguintes adjetivos: protetora, sedutora, bela, criativa, sensível, mas também racional nos momentos que é preciso o ser. Enquanto, se procurado por atributos masculinos, recebe-se: coragem, competência, independência e assertividade. O que elucida sobre papéis sociais dos gêneros pré-estabelecidos e, muitas vezes, cristalizados, difíceis de serem rompidos.

Segundo a autora Simone de Beauvoir, em sua obra intitulada “*O Segundo Sexo II - A experiência vivida*”, a sociedade historicamente relegou às mulheres papéis associados ao cuidado e à educação, perpetuando a ideia de que essas áreas são extensões naturais das responsabilidades domésticas

¹ Apesar da autora não demarcar o gênero em sua obra, optamos por colocar sempre a menção no feminino, pois tratam de professoras do Ensino Fundamental I e que quando mencionadas, são em sua totalidade, mulheres.

femininas. Ela afirma: “Mas na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. Parece natural ao homem que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças.” (1967, p. 463).

O papel das mulheres na docência é um tema de grande relevância e tem sido amplamente estudado e discutido em diversos textos acadêmicos ao longo dos anos. O artigo intitulado “O sexo e o gênero da docência”, da Professora Doutora Claudia Pereira Vianna, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) examina a presença predominantemente feminina no magistério e reflete sobre os aspectos contraditórios que geram tal fenômeno. O artigo aponta para as diferenças entre os sexos, sugerindo significados masculinos e femininos distintos associados à identidade docente e às relações escolares, além de destacar os desafios impostos pela articulação entre o sexo e o gênero na docência.

Há uma análise detalhada acerca das questões de gênero e sua relação com o trabalho docente, realizada em pesquisa por Cláudia Pereira Vianna, na qual a autora cita:

Até 1980, o tema das relações de gênero foi pouco explorado pelos estudos sobre educação no Brasil. Ainda hoje, nessa área, é escassa a reflexão sobre a relação entre homens e mulheres, assim como sobre os significados de masculinidade e feminilidade com base nas relações de gênero. (2002, p.88)

No trecho gênero é adjacente à preocupação social de superar os argumentos biológicos acerca das relações sociais enraizadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e com ênfase em sua definição como “(...) um primeiro modo de dar significado às relações de poder (...)” (2002, p.90). A autora também enfatiza alguns dados técnicos acerca da predominância feminina no magistério.

De acordo com o primeiro Censo do Professor, 14,1% da categoria é constituída de homens e 85,7% de mulheres. Levantamento realizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) com 52 mil professores brasileiros mostra que 97,4% dos docentes de 1a a 4a série do Ensino Fundamental são mulheres. Elas ocupam 80,6% das 5as até as 8as séries desse ensino e 60,8% do Ensino Médio. A pesquisa da CNTE aponta ainda que entre diretores, coordenadores e supervisores ligados à Educação Básica 90,1% são mulheres. (2002, p. 83)

Os dados revelam que, em 1997, o Ministério da Educação (MEC), por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), realizou o Censo do Professor² com o objetivo de contribuir para um diagnóstico que orientasse as políticas educacionais. Esse censo evidenciou a

² Estudo específico que se concentra nos profissionais da educação, oferecendo um perfil detalhado dos professores que atuam na educação básica.

desproporção entre homens e mulheres na docência. Embora os dados citados sejam antigos, é possível compará-los à realidade atual. Os dados mais recentes do Censo Escolar³ de 2022 mostram que a predominância feminina na educação básica no Brasil continua alta, refletindo a tendência histórica.

Os dados indicam que a maioria do corpo docente do ensino básico no Brasil é composto por mulheres. Dos 2.315.616 profissionais, 1.834.295 (79,2%) são professoras. Temos as mulheres docentes predominando na educação infantil, onde representam 97,2% nas creches e 94,2% na pré-escola. No ensino fundamental, as mulheres constituem 77,5% dos 1,4 milhão de docentes, enquanto no ensino médio, elas representam 57,5% dos 545.974 profissionais em todo o país. No ensino superior, conforme a edição mais recente do Censo da Educação Superior (2021), as mulheres também são maioria entre os estudantes matriculados nas licenciaturas, representando 72,5% das matrículas.

No texto “*A Profissionalização do Ensino Passados Trinta Anos: Dois Passos Para a Frente, Três Para Trás*”, Maurice Tardif descreve que as "virtudes femininas tradicionais", como amor pelas crianças, obediência e espírito de sacrifício, eram valorizadas e usadas para destacar a visão tradicional e vocacional do papel das professoras, justificando a ausência de formação formal para essas profissionais, além das condições materiais das professoras serem frequentemente miseráveis. Segundo Tardif (2013):

Na verdade, atualmente, as mulheres constituem cerca de 75% a 80% da força de trabalho de ensino da escolaridade obrigatória, e cerca de 90% a 95% da escola primária. Entretanto, a presença maciça de mulheres na educação não é um fenômeno recente, pois remonta ao século XIX e permanece desde então; inclusive, em alguns países, tem aumentado nos últimos trinta anos. (p.553)

Ainda segundo o autor, em se tratando da profissionalização docente e as virtudes femininas:

(...) serviam de justificativa à ausência de formação: amor pelas crianças, obediência, devoção, espírito de sacrifício, espírito de servir (...) Como o ensino era uma vocação, as condições materiais (salário, estatuto, tarefas, entre outros) ficavam em segundo plano: para as mulheres professoras, pouco importavam as condições materiais, mesmo as mais miseráveis eram obrigadas a desempenhar suas funções. A este respeito, é preciso lembrar que, durante muito tempo, as professoras religiosas trabalhavam de graça e, mais tarde, no século XIX, as professoras leigas sofrerão a concorrência delas e

³ Levantamento anual que coleta dados detalhados sobre escolas, gestores, turmas, alunos e profissionais da educação básica no Brasil.

serão por um longo tempo também mal remuneradas. De maneira geral, o trabalho das professoras leigas era instável, precário, cíclico. Elas ensinavam muitas vezes antes de se casarem e abandonavam o trabalho assim que se casavam. (p.555)

Nesse sentido, entendemos que estereótipos de gênero podem afetar o exercício docente das professoras mulheres de várias maneiras, impactando tanto na carreira profissional quanto em sua vida pessoal. Um imaginário social que associa mulheres a características como serem mais cuidadosas e menos assertivas pode levar a uma desvalorização de suas habilidades profissionais e conhecimento técnico. O que frequentemente resulta na falta de oportunidades de avanço na carreira, salários mais baixos e menor representação em posições de liderança.

A influência na forma como as professoras são percebidas e tratadas por alunos, pais e colegas de trabalho, muitas vezes advém de uma visão social do gênero feminino no âmbito educacional/profissional que ainda as associa com a extensão do lar, da vida privada. Elas podem enfrentar expectativas irrealistas de serem “mães” ou “tias” para seus alunos, o que aumenta a carga de trabalho emocional e a pressão para atender às necessidades não apenas acadêmicas, mas também emocionais dos alunos, com a possível consequência de uma quebra do contrato pedagógico e profissional.

Da mesma forma, essa reprodução social afeta a educação das alunas, especialmente nas disciplinas científicas, onde as mulheres são historicamente sub-representadas. Estereótipos profundamente enraizados podem não apenas desencorajar meninas a seguirem carreiras nas áreas científicas, além de reforçar as estruturas do machismo e sexismo, perpetuando desigualdades de gênero no mercado de trabalho.

A análise realizada neste texto, a partir do capítulo "Qualidade do controle e controle da qualidade" da obra "*A Produção do Fracasso Escolar*" de Maria Helena Souza Patto, revela uma realidade complexa e desafiadora na educação. O texto não identifica apenas a responsabilização exagerada e desigual imposta especialmente às docentes mulheres, pelo sucesso ou fracasso dos alunos, mas também destaca como estereótipos de gênero enraizados na sociedade continuam a influenciar o ambiente educacional.

A visão hierárquica e a percepção de responsabilidade, exemplificadas pela diretora Maria da Glória em relação ao magistério, refletem perspectivas antiquadas de gênero. Essa expectativa de dedicação incondicional e a associação do cuidado feminino à educação são reforçadas não só na estrutura social, mas também nas práticas escolares. A sobrecarga emocional e a pressão para corresponder a esses estereótipos podem levar a exaustão das docentes, comprometendo não apenas suas carreiras, mas também sua vida pessoal e saúde.

Os estudos de Cláudia Pereira Vianna ressaltam a escassa reflexão sobre as relações de gênero na educação e a predominância feminina no magistério. A desproporção entre homens e mulheres na docência é evidente nos dados citados pela autora, revelados pelo Censo do Professor em 1997, divulgados em 1999. A realidade marcada por estereótipos persiste até os dias atuais, apesar de ser um levantamento de décadas atrás.

É de suma importância enfrentar esses estereótipos, não apenas para promover uma relação de equidade na educação, mas também contribuir para a exigência da promoção de políticas públicas de gênero, para que mulheres docentes tenham a possibilidade de se desprenderem de um papel social padronizado e alcancem seu pleno potencial educacional e profissional.

Referências Bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo II: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. Dia da Mulher : mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica. Disponível em : <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>>. Acesso em 2024.

PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia. 4ª ed. São Paulo: Intermeios. 2015

TARDIF, Maurice. A Profissionalização do Ensino Passados Trinta Anos: Dois Passos Para a Frente, Três Para Trás. Educ. Soc., Campinas, v. 34, n. 123, p. 551-571. 2013. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 2024

VIANNA, Cláudia Pereira. O Sexo e o Gênero da Docência. Cadernos Pagu, 2002. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100003>>. Acesso em 2024.

Autoras:

Nicole Cristine Vieira Miranda

Estudante de pedagogia do IFSP - campus Registro.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2312918322376535>

Natalia Bortolaci

Professora do Instituto Federal de São Paulo – campus Registro, doutoranda em educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3271640903880537>